

Paisagens Costeiras Catarinenses: do olhar dos viajantes às viagens com estudantes *Coastal Landscapes of Santa Catarina: from the perspective of travelers to trips with students*

Evandro Fiorin^{1*}, Kellen Melo Dorileo Louzich²

¹ Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Brasil; evandro.fiorin@ufsc.br

² Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Brasil; kellendorileo@gmail.com

* Corresponding author

Resumo

Nessa primeira comunicação que faremos sobre nosso navegar pela costa catarinense, no sul do Brasil, discutiremos o seguinte recorte: as mudanças nas fisionomias geográficas e urbanas, desde um sentido colonialista das narrativas dos antigos artistas e pintores viajantes do passado, sobre a Ilha de Santa Catarina, até sua nova roupagem, no momento presente, apropriada pelo capital imobiliário. Apresentamos aqui uma estratégia contemporânea, ainda embrionária, de percepção e representação dessas paisagens costeiras que pode ser realizada pelas viagens a bordo de embarcações, a partir do olhar dos estudantes de arquitetura e urbanismo. Nesse sentido, almejamos revelar alguns contrastes entre igrejas centenárias e antigas fortalezas construídas na época da colônia portuguesa, até uma particular apropriação das faixas litorâneas pelo capital imobiliário. Assim, apresentaremos algumas imagens dessas viagens náuticas. Navegando pelo oceano em um barco em parceria com a Escola do Mar, com estudantes de graduação, e a bordo do Veleiro Eco da UFSC, com estudantes de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Esse processo de leitura e interpretação desde as imagens do passado, até o momento presente, busca despertar outros olhares das cidades a beira d'água, desde o norte de Florianópolis.

Palavras-chave

Paisagem; Costeira; Olhar; Viajantes; Estudantes; Santa Catarina.

Abstract

In this first presentation about our trip along the coast of Santa Catarina, in southern Brazil, we will discuss the following: the changes in geographic and urban physiognomies, from a colonialist sense of the narratives of ancient traveling artists and painters of the past, about the Island of Santa Catarina, to its new guise, in the present moment, appropriated by real estate capital. Here we present a contemporary strategy, still embryonic, of perception and representation of these coastal landscapes that can be carried out by trips on board boats, from the perspective of architecture and urban planning students. In this sense, we aim to reveal some contrasts between centuries-old churches and old fortresses built during the Portuguese colonial era, to a particular appropriation of the coastal strips by real estate capital. Thus, we will present some images of these nautical trips. Sailing across the ocean on a boat in partnership with the Escola do Mar, with undergraduate students, and aboard the Veleiro Eco da UFSC, with graduate students in architecture and urban planning. This process of reading and interpreting images from the past to the present seeks to awaken other perspectives on cities along the waterfront, from the north of Florianópolis.

Keywords

Landscape; Coastal; View; Travelers; Students; Santa Catarina.

1. Introdução

Diversos trabalhos já foram publicados sobre nossas práticas de investigação errantes na Ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil, desde as incursões caminhando nas ruas e por debaixo das pontes (Fiorin, 2021), ou pelos morros da capital catarinense (Fiorin et. al., 2022). Neste trabalho queremos dar maior ênfase à saída de barco com alunos da graduação em Arquitetura e Urbanismo, em parceria com a Escola do Mar, além, de uma nova colaboração com o Veleiro Eco, da Universidade Federal de Santa Catarina, junto com alunos do programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, justamente, para olhar, desde o oceano, as formas de ocupação da porção norte de Florianópolis.

Há bem pouco tempo, a capital do Estado de Santa Catarina, composta por uma parte continental e seu maior quinhão: uma ilha, podia ser compreendida em duas porções, ou seja: a sua área central, onde teve origem o povoado de Nossa Senhora do Desterro e se manteve a concentração das atividades portuárias, comerciais e administrativas; e regiões interiores, onde predominavam as funções agrícolas e de pesca. Essas características estão marcadamente ligadas ao fluxo migratório de famílias vindas de territórios portugueses na época colonial: do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira (Veiga, 2010). Mais contemporaneamente, processos de modernização, incluindo construções de pontes e de vários aterros, solaparam as antigas fisionomias geográficas da Ilha de Santa Catarina, outrora retratadas pelos pintores viajantes, quando o Brasil ainda era colônia. Além disso, a crescente demanda por desenvolvimento e progresso fez pulverizar ainda mais a cidade em locais isolados, demandando, dia após dia, o seu truncado sistema viário (Pimenta, 2005). Nesse contexto, é importante mensurar a diversidade territorial e de ecossistemas da Ilha de Santa Catarina, composta por relevo montanhoso, manguezais, dunas, restingas e mata atlântica.

Nesse sentido, a duplicação de vias terrestres para o norte da ilha, de modo a ampliar a conectividade com sua porção central gerará inúmeras dificuldades. Por conta disso, novos bairros foram surgindo expulsando antigas comunidades, de maneira a garantir áreas apartadas, apenas para os que podiam pagar pelo preço dos privilégios, além de atender a uma demanda crescente com a chegada dos veranistas. Mormente, locais como Jurerê Internacional, na face norte, se compõe sob uma outra fisionomia, se comparada às paisagens costeiras que foram retratadas pelos pintores

viajantes. Vista desde a água, essa nova face urbana do capital imobiliário se sobrepõe às montanhas e concorre com o espaço destinado às igrejas centenárias e antigas fortalezas construídas pelos portugueses para proteger o seu território.

Desta maneira, nesse artigo buscamos apresentar algumas imagens que retratam as paisagens costeiras da Ilha de Santa Catarina produzidas pelo olhar dos viajantes estrangeiros, ilustrando sua a face norte e uma parte da sua região central. Elas antecedem a apresentação das experiências das viagens em embarcações com estudantes que fizemos recentemente. Vale ressaltar que estas viagens náuticas estão sendo organizadas para ressignificar o antigo olhar dos viajantes estrangeiros, de maneira a compor uma visão contemporânea das paisagens costeiras catarinenses, a partir da ótica dos estudantes da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Com essa estratégia almejamos desenhar um novo olhar ambulante a partir do mar, que se apropria de um sentido náutico expedicionário para compor um outro senso crítico-reflexivo das ocupações urbanas atuais.

2. Do Olhar dos Viajantes às Viagens com Estudantes

O olhar dos viajantes construiu um modo de compreender o que sabemos sobre a imagem do continente sul-americano, por meio dos diários de cientistas e desenhos dos artistas que desembarcaram na costa brasileira. Um conhecimento que se constitui como uma forma de etnografia (Cardoso, 1988). Nesse contexto, diferentes viajantes chegaram até a Ilha de Santa Catarina nos séculos passados, justamente para registrar suas ambiências naturais, organização urbana, arquitetura, infraestrutura portuária e de defesa, além dos hábitos e costumes do povo local.

Nesse contexto, enquanto as expedições lusas reportavam descrições mais pragmáticas à coroa portuguesa sobre as determinadas condições territoriais que, em suma, pretendiam manter uma hegemonia colonial da potência ultramarina, outros estrangeiros compunham em seus relatos um sentido mais romântico, por vezes, de cunho fantasioso, para alimentar o ávido desejo dos leitores europeus sobre o Novo Mundo (Bonato, 2010). De tal sorte, um dos viajantes mais emblemáticos soube muito bem compor em suas narrativas esse viés, sem, no entanto, perder de vista o rigor científico: o naturalista alemão Langsdorff.



GEORGE ANSON (1697-1762): *Entrada Norte da Ilha de Santa Catarina, 1740.*
Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis - Ilustrada.*
 Florianópolis, Editora Insular, 2004, p. 99.

Figura 1 Entrada Norte da Ilha de Santa Catarina, Anson, 1740. Fonte: Corrêa, 2004.

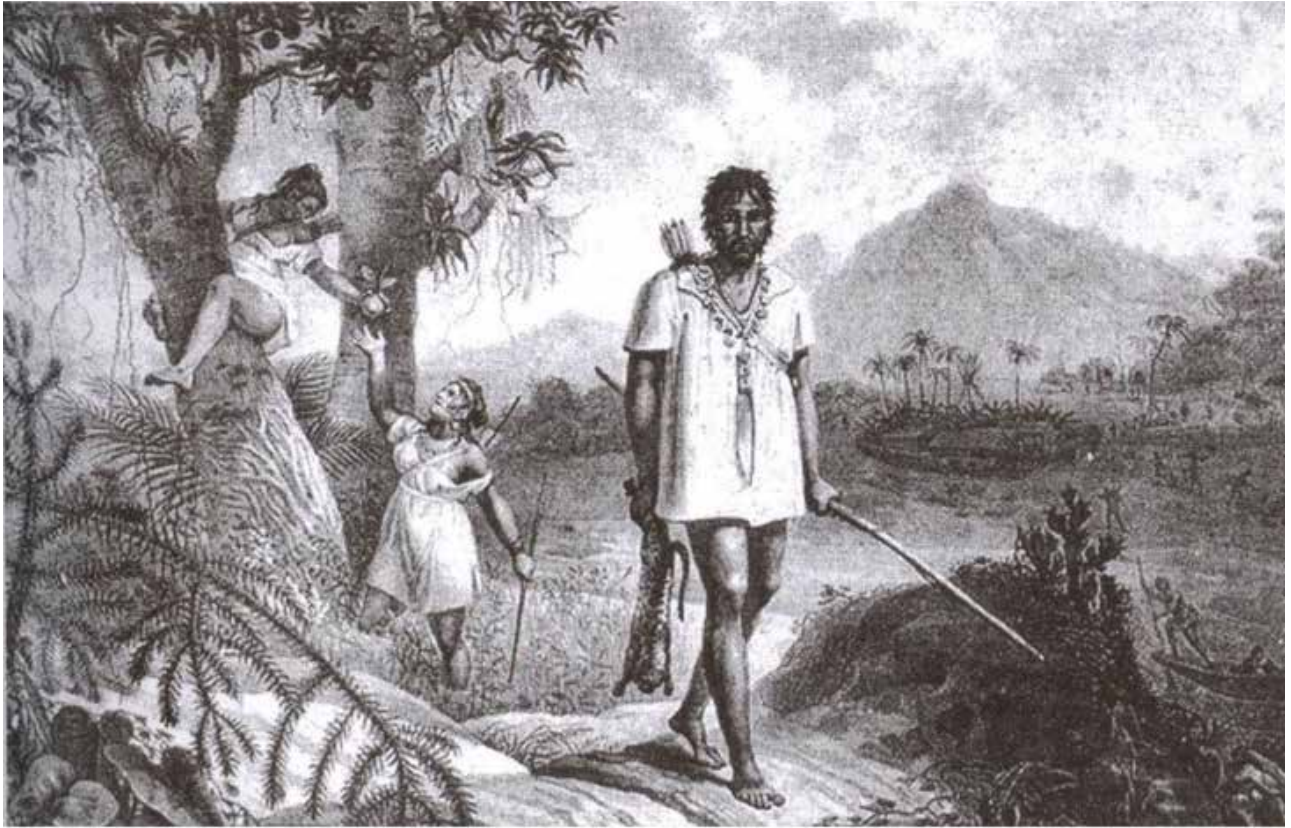


GEORGE ANSON (1697-1762): *Vista da ponta Nordeste da Ilha de Santa Catarina, 1740.*
Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis - Ilustrada.*
 Florianópolis, Editora Insular, 2004, p. 100.

Figura 2 Vista da Porta Nordeste da Ilha de Santa Catarina, Anson, 1740. Fonte: Corrêa, 2004.

A expedição russa que trouxe esse germânico até a antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro, no início do século XIX, realizava uma circunavegação por grande parte da costa brasileira, sob o comando do explorador Krusenstern (Expedição Langsdorff, 2010). Há relatos de que, até mesmo Charles Darwin, tenha passado pela região. De toda a sorte, embora alguns estudos dos naturalistas tenham servido

para validar importantes teorias, outras descrições vinham carregadas de um olhar eurocêntrico, com a alcunha de superioridade e cheias de preconceitos. Se lidas com certo grau de distanciamento, ainda servem como nossas fontes documentais e formas de registros pictóricos sobre a natureza, cultura e fisionomia territorial da Ilha de Santa Catarina.



JEAN-BAPTISTE DEBRET (1768-1848): *Índios botocudos da Ilha de Santa Catarina.*
Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. ***História de Florianópolis - Ilustrada.***
 Florianópolis, Editora Insular, 2004. p. 25.

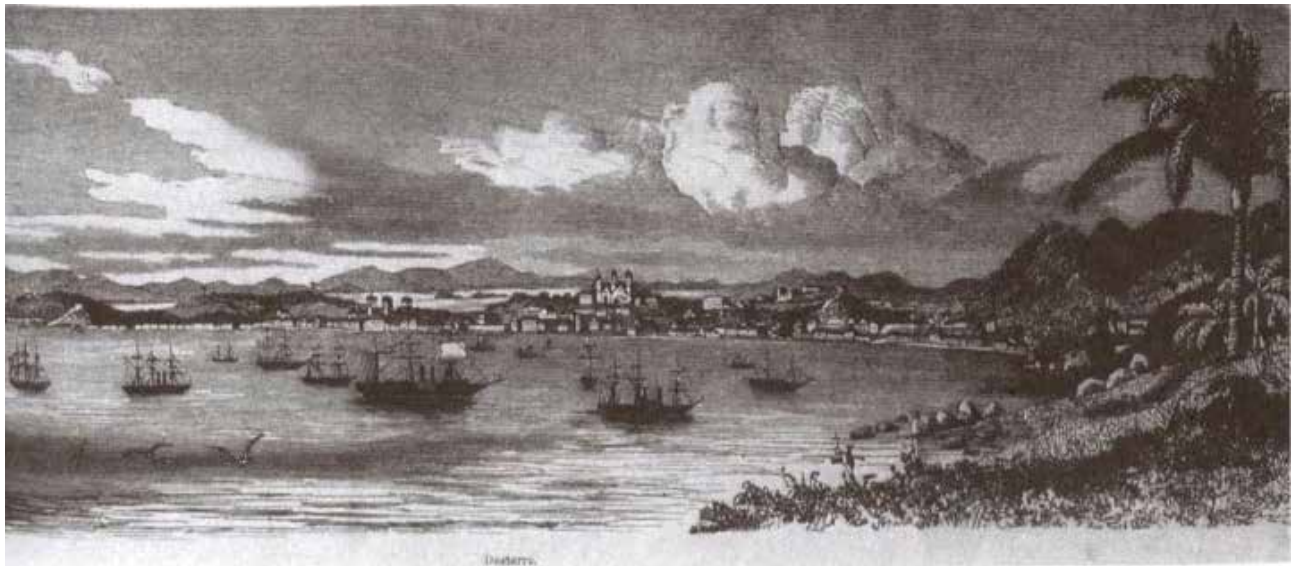
Figura 3 Índios Botocudos da Ilha de Santa Catarina, Debret. Corrêa, 2004.

Sendo assim, uma revisita aos trabalhos de um dos mais dos mais famosos ilustradores do Brasil colônia, o francês Debret, pode justamente revelar um papel crítico de sua obra (Leenhardt e Titan, 2023). Isto porque, ao invés de apenas retratar a aristocracia colonial, construiu um olhar feroz sobre a violência escravagista e a subjugação dos povos originários, diante dos costumes europeus, como demonstra uma das suas pinturas sobre os “índios botocudos da Ilha de Santa Catarina”: quando aparecem paramentados com vestimentas europeias.

De outro modo, no século XIX, chega uma nova leva de pintores viajantes no Brasil. Nas terras catarinenses desembarcou Louis Choris, um outro importante artista, que ilustrou paisagens e produziu algumas imagens sobre a fauna e flora da ilha, além de cenas cotidianas daqueles que habitavam o lugar (Berger, 1984). Cabe ressaltar aqui,

que uma visão mais peculiar sobre a conformação urbana da Vila de Desterro foi produzida em 1824 por um aquarelista britânico, chamado Charles Landseer (Corrêa, 2004). Entretanto, um maior rigor no detalhamento que poderia melhor caracterizar as feições da cidade apenas aparece nos óleos sobre tela de um artista alemão, anos mais tarde.

Trabalhos de Joseph Bruggemann chamam atenção pela minuciosidade, se comparados com as vistas deformadas de Desterro produzidas anteriormente pelo russo Krusenstern. Assim, o germânico esboça algumas vistas espetaculares do povoado e sua arquitetura, em meio às formações geográficas naturais que delineiam os seus arredores, datadas de 1868 (Beluzzo, 2000). Uma delas é a extraordinária imagem do mirante da Lagoa da Conceição. Elas se somam à vista de Desterro e seu porto produzidas por Oscar Canstatt e produzem um compendio sobre a forma urbana e seu contexto natural.



OSCAR CANSTATT: *Vista de Desterro e seu porto*, 1875.
Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis - Ilustrada*.
Florianópolis, Editora Insular, 2004. p. 147.

Figura 4 Vista de Desterro e seu Porto, Canstatt, 1875. Fonte: Corrêa, 2004.

O século XX é marcado pela ascensão da fotografia e esses registros ganham maior fidedignidade, se comparados aos panoramas de Desterro que foram produzidos pelo célebre artista catarinense Vitor Meirelles. Nesse momento, as imagens são feitas pelos habitantes locais e ganham ar de anonimato na era da reprodutibilidade técnica. Nosso intuito aqui, não é deflagrar essa rica documentação, especialmente, porque ela é feita por terra e, em alguns casos, por meio de imagens aéreas. As fotos do passado recente da Ilha de Santa Catarina espelham as mudanças acontecidas há bem pouco tempo. Há imagens de suas antigas áreas portuárias, entre o canal insular e terras continentais, além de fotografias de áreas mais rurais, no interior da ilha. Assim, os panoramas compõem algumas vistas das freguesias onde habitavam os imigrantes portugueses advindos do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira e outras refletem a feição marítimo-fabril, forjada por uma figura emblemática, um imigrante alemão, chamado Carl Hoepcke, responsável por alavancar os transportes náuticos (Veiga, 2004).

Nesse período, um dos lugares mais fotografados é a famosa ponte-pênsil Hercílio Luz, que fora erguida em 1926. A sua construção marca o fenômeno embrionário do processo de

metropolização de Florianópolis, por meio da ampliação da acessibilidade da região central e, também, dos seus núcleos outrora isolados, além do estímulo das novas funções regionais, como sede de balneários e o título de capital turística do cone Sul (Vaz, 1991). A melhoria nesses quesitos fez com que a Ilha de Santa Catarina fosse popularizada entre os turistas, que ainda a enxergam como paradisíaca (Diário Catarinense, 1996). No entanto, os processos de modernização, incluindo as construções das novas pontes e os seus aterros solaparam as antigas feições urbanas à beira d'água entre ilha e continente, da época dos pintores viajantes, o que se somou à obsolescência do porto e ao aspecto de ruína do que sobrou das antigas empresas à beira d'água de Hoepcke e do emblemático Estaleiro Arataka (Fiorin et. al, 2024).

Entretanto, uma grande parte das paisagens naturais ainda se mantém intocadas no leste da ilha, por conta da legislação ambiental vigente, bem como, pela proteção das marcas dos antigos modos de produção da colonização lusitana, principalmente, na Costa da Lagoa da Conceição (Freitas e Fiorin, 2022). Patrimônio arquitetônico e ambiental que pode ser reconhecido a pé, se acessado pelo barco que sai do terminal lacustre do centrinho da antiga freguesia.



Figura 5 Mapa da Ilha de Santa Catarina com um “X” na área de navegação. Fonte: autores 2024.

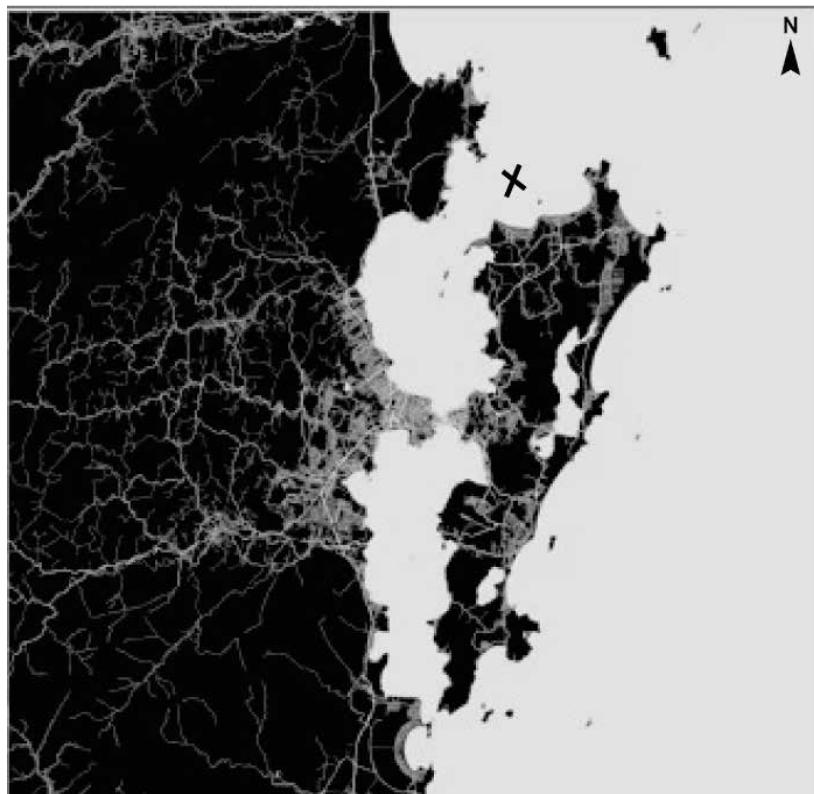


Figura 6 Desenhando desde o Mar / Paisagens Costeiras da Ilha de Santa Catarina: autores, 2019.

Alguns trabalhos relevantes que se propuseram a realizar expedições fotográficas contemporâneas, em torno da Ilha de Santa Catarina, trazem um novo olhar sobre o meio ambiente e sua natureza, com uso de lentes especiais e de drones (Paiva, 2024). É a partir desse ponto que esta comunicação aponta para um outro rumo.

Neste artigo buscamos ressignificar o antigo olhar dos viajantes, de maneira a compor uma visão contemporânea das paisagens costeiras catarinenses em viagens marítimas, a bordo de algumas embarcações, junto com estudantes da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Esta jornada já está documentada de uma maneira mais geral, junto com outras empreitadas pedagógicas que fizemos por terra (Fiorin e Schwerz, 2020).

De tal sorte, queremos dar relevo aqui ao nosso trabalho que visa desenhar um novo olhar ambulante a partir do mar, sobre a Ilha de Santa Catarina. Uma empreitada oceânica de investigação-criação, por meio da produção de desenhos e de imagens multimidiáticas, que se apropriam de um sentido náutico expedicionário, para compor um outro senso crítico-reflexivo, justamente, a partir de uma visão do mar, sobre as ocupações urbanas atuais.

No ano de 2019 tomamos uma embarcação, junto com uma turma de estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, no Trapiche de Canasvieiras, na porção insular de Florianópolis. A proposta pedagógica da disciplina de Introdução ao Projeto de Arquitetura e Urbanismo implicava, mormente, no reconhecimento da paisagem da cidade de Florianópolis. Nessa viagem avistamos a Fortaleza de São José da Ponta Grossa, um antigo forte bem conservado, construído pelos portugueses, enquanto nos dirigíamos à Fortaleza de Santa Cruz, na Ilha de Anhatomirim – pertencente ao Município de Governador Celso Ramos, em Santa Catarina. Na oportunidade, buscamos dar lugar à aventura do descobrimento das paisagens costeiras catarinenses, a partir da visão que se tem desde o oceano. Esse trajeto permitiu compreender, desde o mar: as conexões entre a Ilha de Santa Catarina e o seu lado continental; o processo de apropriação pelo capital imobiliário das faixas litorâneas; os edifícios e condomínios de luxo, tendo como contraponto: vilas de pescadores (ainda existentes em algumas porções), igrejas centenárias e as antigas fortalezas.



Figura 7 O Barco-Escola do Mar: autores, 2019.

Os desenhos dos estudantes feitos durante esta viagem de barco puderam se construir como um entendimento a partir do mundo vivido, habitado por diversos imaginários sobre a cidade – agora aberta ao jogo relacional de significações (Ferrara, 2000). Uma ilha entendida não apenas pela sua porção de terra, mas, sobretudo, por sua existência em relação ao mar. Essa compreensão mais cabal do lugar dilata a experiência do estudante, suplantando representações cotidianas da arquitetura e do urbanismo. Um Barco-Escola do Mar, o qual propicia um outro olhar, que não será apenas forma de constatação, mas investigação-criação de informação urbana, como resultado do exercício de um saber olhar (Canevacci, 1993). É desse rico processo imaginativo que pode surgir o senso crítico-reflexivo das antigas paisagens costeiras pontuadas por montanhas, outrora retratadas pelo olhar dos viajantes, agora sendo revisitadas pelos nossos estudantes e, de outra maneira, substituídas pelas faixas litorâneas arrendadas pelo capital imobiliário.



Figura 8 Investigadores e Tripulação a Bordo do Veleiro Eco: autores, 2024.

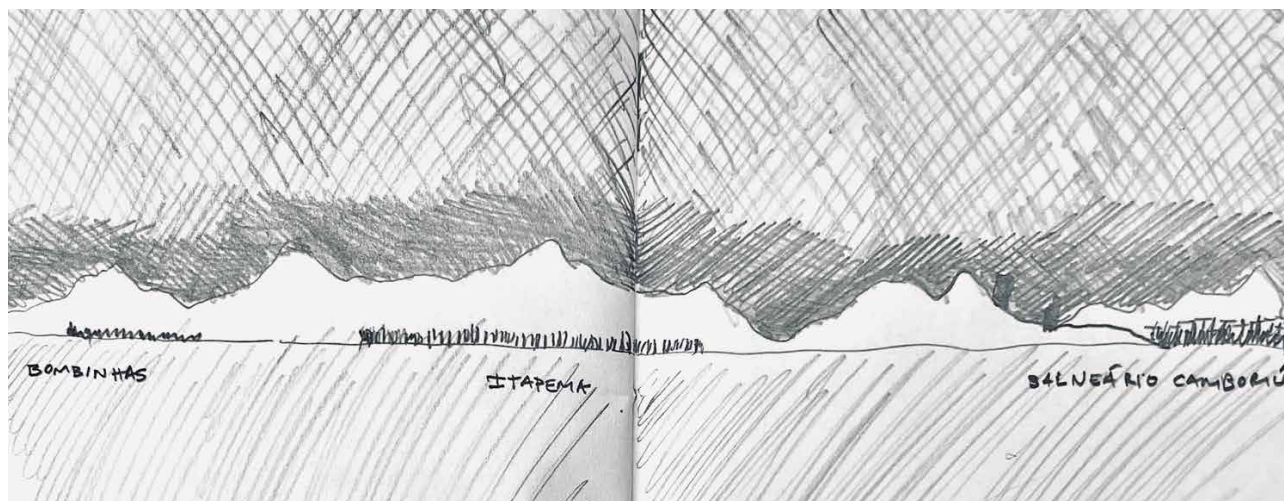


Figura 9 Laboratório Nômade de Investigação-Criação: *Skyline Globalizado*: autores, 2024.

Nesse contexto, a bordo do Veleiro Eco da Universidade Federal de Santa Catarina temos uma nova tarefa: produzir uma nova inteligência espacial documentada, de maneira multimidiática, sobre as paisagens costeiras catarinenses. Junto com alunos da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, o Laboratório Nômade de Investigação-Criação das Paisagens Costeiras, se constitui como uma nau que tem seu trajeto de reconhecimento pelas águas, no intuito de caracterizar os traços dessas paisagens, muito próprios ao lugar litorâneo que habitamos. Nesse sentido, se produz como um projeto de pesquisa que tem várias etapas e saídas náuticas previstas. Elas vão explorar, desde algumas comunidades pesqueiras mais tradicionais, até bruscos câmbios nos *skylines*, diante das intervenções arquitetônicas para fabricar *landmarks*, especialmente, nas cidades de Itapema e Balneário Camboriú, no norte do Estado de Santa Catarina. Especificamente nesse caso, uma primeira viagem com estudantes da pós-graduação aconteceu no primeiro semestre de 2024. Se revelou como um ensaio e produziu algumas imagens fotográficas, vídeos e gravuras feitas em alto-mar, sob efeito da ondulação marítima. Trazemos para este texto uma delas, que retrata um *skyline* globalizado de prédios de grande altura, os maiores do Brasil, por entre montanhas da costa catarinense. Esse itinerário, que deriva deste trabalho, por conta da sua extensão, foi fracionado em outra comunicação em nossos Diálogos TransAtlânticos.

3. Conclusões

Nessa primeira comunicação sobre as Paisagens Costeiras Catarinenses buscamos apresentar algumas imagens que retratam àquelas produzidas pelos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina no passado colonial brasileiro. Elas foram o ponto de partida para que pudéssemos organizar uma expedição com estudantes de arquitetura e urbanismo de maneira a ilustrar, desde o mar, algumas partes da faixa litorânea florianopolitana. As viagens de barco foram oportunas para que pudéssemos construir um outro olhar sobre as ocupações urbanas atuais, agora mediadas pelo mercado imobiliário. Foram produzidos desenhos e um senso crítico desses estudantes em relação às gravuras coloniais. A segunda experiência aqui destacada com o Veleiro Eco está ainda em uma fase embrionária e tenderá a compreender mais profundamente, as mudanças acontecidas nessas paisagens costeiras nos últimos tempos, através de técnicas convencionais e multimidiáticas, de modo a percebê-las e representá-las sob novos espectros.

Agradecimentos

À Escola do Mar, Prefeitura Municipal de Florianópolis; UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Veleiro Eco.

Referências

- Beluzzo, A. M. M. (2000). *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Fundação Odebrecht/ Metalivros.
- Berger, P. (1984). *Ilha de Santa Catarina – Relatos de Viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX)*. Florianópolis: UFSC/ Lunardelli.
- Bonato, T. (2010). *O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Canevacci, M. (1993). *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel.
- Cardoso, S. (1988). “O olhar dos viajantes”. in NOVAES, A. et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Corrêa, C. H. P. (2004). *História de Florianópolis - Ilustrada*. Florianópolis: Insular.
- Expedição Langsdorff. (2010). Curadoria de Boris N. Komissarov, Ania Rodríguez Alonso e Rodolfo de Athayde. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco Do Brasil.
- Diário Catarinense (1996). Florianópolis, nº 27, p. 10.
- FERRARA, L. D. (2000). *Significados Urbanos*. São Paulo: Edusp.
- FIORIN, E. (2021). Florianópolis: under the bridge, over the hill and on the wall: among graffiti and marginal places. *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 18, p. 1–20. Available in: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807> Acesso: 26 jun. 2023.
- Fiorin, E.; et. al. (2022). *Pé na Rua: caminhando e cartografando na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Arquitetura e Urbanismo UFSC Publicações. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/243113> Acesso: 03 jul. 2023.
- Fiorin, E. et. al. (2024). *THE LANDSCAPE OF MARINE-INDUSTRIAL PRODUCTION IN FLORIANÓPOLIS: THE ARATACA SHIPYARD, HERITAGE AND PROJECT. MIX Sustentável*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 69–79. DOI: 10.29183/2447-3073.MIX2024.v10.n2.69-79. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/7264>. Acesso: 20 jun. 2024.
- Fiorin, E.; Schwerz, J. P. (2020). A ponte, a torre e o muro. O processo de ensino-aprendizagem de projeto em suas diversas escalas na Ilha de Santa Catarina. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 243.03, Vitruvius, ago. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.243/7834>>. Acesso: 30 de jul. 2022.
- Freitas, D.; Fiorin, E. (2022). Ruin, Resistance and Resilience: a cartography of the Costa da Conceição Lagoa in Florianópolis – SC. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, [S. l.], v. 10, n. 80. DOI: 10.17271/23188472108020223342. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/3342. Acesso: 20 jun. 2024.
- Leenhardt, J.; Titan, S. Jr. (2023). *Rever Debret: Colônia – Ateliê – Nação*. São Paulo: Editora 34.
- Paiva, Z. (2024). *Expedição Natureza da Ilha. Tubarão-SC: Vista Imagens*.
- Pimenta, M.C. A. (org). (2005). *Florianópolis do Outro Lado do Espelho*. Florianópolis, UFSC.
- VAZ, N. P. (1991). *O Centro Histórico de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC.
- VEIGA, E. (2004). *Transporte Coletivo em Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira-mar*. Florianópolis: Insular.
- VEIGA, E. V. (1993). *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Fundação Franklin Cascaes.